



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'In Terra Viventium', de Fernando Echevarría]

Levi Condinho

Para citar este documento / To cite this document:

Levi Condinho, "[Recensão crítica a 'In Terra Viventium', de Fernando Echevarría]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 202-203.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Quando da publicação de *Obra Inacabada*, que reunia, então, toda a poesia de Fernando Echevarría desde 1956, escrevia Jorge Listopad no *JL* de 20-XII-2006 que «ninguém escreverá uma crítica literária sobre a Bíblia». Sentença feliz, pois a extensa e profunda obra do poeta constitui, de facto, como que uma (outra) Bíblia ou, a meu ver, mais um Tratado, que poderia versar sobre os principais e mais altos lugares do mundo e do homem vivente nesse mundo, como parte do Universo conhecido e virtual/espiritual, projetado no «aberto para o aberto».

Depois de *Obra Inacabada*, Echevarría publicou *Lugar de Estudo*, em 2009, surgindo agora *In Terra Viventium*.

Sendo também o ato de ler um processo subjetivo de adivinhação, permito-me ousar interpretar este livro como um quase inventário, que o é de «espanto» e de ação de graças perante o fenómeno abrangente de existir «sendo, ainda aqui, viventes. Estremunhados» (p. 26).

Mas não se vislumbra nesse inventário, e nessa constatação de continuidade vivencial, qualquer sintoma ou enunciação da despedida; em Echevarría não há despedida (e ocorre-me aqui o pungente *Despeço-me da Terra da Alegria*, de Ruy Belo), pese embora as variadas e sintomáticas referências quer à *velhice*, «espera augusta. Ou de lugar que expõe / sua penúria que, dir-se-ia, santa, / pois sacramenta. Intensifica» (p. 22), ou «a escuta, a inteligência, o espaço, a mágoa? / [...] o horizonte infinito que dilata / o infinito lugar onde se entrou» (p. 21), quer à *morte* («E vai entrando pela morte, aberta / àquela onda de eficaz doçura / [...]». A morte é doce como a alma é tensa / por esta via perspicaz de música», p. 202). Há também o constante

avaliar da situação do «Pulso que pulsa. Que se sofre. E age» (p. 56), a exaltação de «Um corpo experiente. Onde a alma / punge o sensível» (p. 44), a conclusão de se ter atingido um acume de sabedoria, jubilante, «quase que alegria / [vendo] o tempo filtrar-se pelo bosque / com, nesse vento de infiltração benigna, / o pulso, a enxada, o coração do homem» (p. 48).

Como se descobre na obra e se sabe da vida do autor, o religioso é uma força motriz perpétua e omnipresente, oxigenação e ativação do «pulso da obra» (que «Adão [...] estuda. Sente», p. 20). O domínio do religioso acompanha-nos no corpo pleno da leitura da sua poesia, até pela referencialidade concreta de motivos bíblicos, de terminologias alusivas à liturgia e ao serviço religioso (católicos, sobretudo), de exaltação do «silêncio santo» (p. 10), do «anjo do silêncio» (p. 6), do sofrimento («penúria») como via de redenção, da assunção de nos sabermos habitantes da «casa / como pálio feliz do desabrigo» (p. 31). Apesar disso, neste livro a nomeação evidente de *Deus* poucas vezes ocorre — «Carvalheiras de Deus» (p. 144), «Perto de Deus» (p. 166), o «Pai» e o «Filho» (p. 184, poema, não por acaso, intitulado «In Memoriam», para Daniel Faria), «o Senhor do domingo» (p. 200). Acontece que não é necessária essa nomeação. Deus (pensemos teológica ou filosoficamente — substância espinosista ou não) habita, recobre, investe-se em todo o território do(s) poema(s). «Pulsa», aí. Habita e habita-se em todos os grandes tópicos da obra: tempo, paisagem, corpo/alma, azul/luz, respiração, volatilidade, enigma, compenetração, figuras e objetos de registo palpável, concreto. E, se acen-tuo «registo concreto», digo-o pelo facto de esta poesia oscilar sempre entre a magna abstração do aberto ao infinito e ao inominável e a referencialidade objetiva e designativa do real (concreto, portanto),

real que aparece amiúde como alvo de distinção, de dignificação, de estado de graça que não se verga às contingências maléficas do tempo circunstancial. A poesia de Echevarría instaura-se acima de tudo num universo primordial, num mundo (limpo, anterior à devastação) onde «tudo / brilha no brilho universal. Esplêndido» (p. 25), «para além do carvalho concreto» (p. 40). Afastada está, portanto, a inserção de uma tal poética em qualquer espécie de realismo (e permitam-me que pense, mesmo assim, e dolorosamente, na contingência pela qual, hoje, muitos poetas se veem forçados a abraçar uma espécie de novo «realismo de crise»).

Mas não vejamos nunca, nessa demanda da existência («A terra é terra, só se nela os vivos / estão vivendo, com o viver ao alto», p. 16) como «rumo / de feliz desprendimento» (p. 101), um sintoma de alienação (conceito tão estafado...). Em Echevarría, o canto é *estudo*. Estudo é atenção, é trabalho, é vigília, é compenetração, é «um país desalienado» (p. 138), caminho adentrando-se, «retiro. / Para a escuta escutar mais» (p. 8). Caminho, é certo, caminhando-se em «penúria» (falha ou defeito que se ultrapassa, exatamente, caminhando — recorde-se Antonio Machado). Caminho de homem de Fé, sabendo, para além de qualquer evidência sem a dúvida, que «Perto de Deus é estar dentro / do redemoinho lento da ignorância / e da vertigem que nos toma o tempo / e acentua o afinco» (p. 166); este «afinco» não redundará, decerto, no «afinco» como obrigação absurda sisifiana, mas como noção de que «foi e é feliz reconhecermos / dentro do pulso o terremoto amargo / do sangue a iluminar-se» (p. 23). Caminho que persegue um «alvo. / Tão recôndito, e longe, e impreciso / que só lucila quando vinga acaso / o anjo do silêncio» (p. 6). Caminho, senda do «viático» do qual se alimenta e pelo qual se

robustece o *corpo*, interiorizando-se «até erguê-lo a pensamento. / [...] Eva, despida do seu fruto amargo, / gravita[ndo] sobre si» (p. 19). Mas *corpo* também *animal* («De barro, de água e peso congregados / palpita o corpo» (p. 17).

Se se buscarem, reconditamente, ecos ou reminiscências de autores cuja sombra benfazeja e influente possa vislumbrar-se em Echevarría, especificamente neste livro, encontramos, talvez, um Raul Brândão, à memória de quem é dedicado o poema da página 186, tendo em comum, por exemplo, «a escuta [d]os que partiram» (p. 90), pois «Os que por aqui passaram estão presentes» (p. 142 — não resisto, aqui, a pensar no tão belo conceito de «comunhão dos santos»). Encontramos, quiçá, um Heraclito, como paradigma do fluir das águas, fluir do tempo; um Hesíodo e um Virgílio, nas esparsas referências a ciclos de trabalho, de lavoura, de observações atentas aos comportamentos da Natureza (e, porque não, passe a ousadia, um Francis Ponge no que respeita à minúcia dessas observações?); um António Nobre («Doçura de ir morrendo com, em frente / o mar» — poema «António Nobre», p. 161). Outros haveria. Que seja o leitor a desvendá-los, circunstância menor, já que nesta verdadeira «obra aberta», soberana, se impõe um estilo inconfundível, mais do que um estilo, um modo, um género inimitável (tal como, no domínio musical se instituiu um género messiaenesco — de Olivier Messiaen).

In Terra Viventium é um livro irmão de todos os seus livros anteriores (*work in progress*), que nas suas quase 200 páginas se compõe de dezenas de poemas de trespasante beleza, que mais se insinua no nosso espírito, finda a leitura, como um só poema, inteiro, qual túnica alva de linho, de corte único, sem costuras, imaculada.

Levi Condinho